

BAIXADA FLUMINENSE, TRILHA E EDUCAÇÃO: PEGADAS DE UM GRUPO NAS TRILHAS DA CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Luciano de Almeida Feitosa^{1, X}

(¹Instituto Educação Em Movimento-IEM, Nova Iguaçu, RJ, Brasil; Autor de correspondência: ^Xfeitosaluciano@yahoo.com.br)

RESUMO

O presente estudo aborda a trajetória de um grupo de trilhas que atua na Baixada Fluminense, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, sob o viés da educação não formal colaborando para sentimento de pertencimento da região, no período entre 2006 a 2018. Trata-se de um relato de experiência por meio de pesquisa documental de matérias produzidas em variados meios de comunicação, apoiado na revisão de literatura. Como resultado verificamos que as ações do grupo colaboraram para a imagem positiva da região e do sentimento de pertencimento sendo verificado por meio das matérias veiculadas em diversos meios de comunicação ao longo desse período, demonstrando que os efeitos dos eventos organizados vão além do seu próprio nicho.

Palavras-chave: baixada fluminense; trilha; educação não formal.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história podemos observar que os seres humanos foram organizando suas existências em aglomerados onde pudessem partilhar da vida comum nos espaços modificados e construídos por suas próprias ações. A evolução deste processo fez com que os indivíduos ocupassem a maior parte do seu tempo nesses espaços e, conseqüentemente, diminuíssem suas vivências cotidianas na natureza.

Na modernidade a existência humana estabeleceu os espaços urbanos como local de vida da maior parte da população global, onde, em 2012 já era possível constatar que mais da metade da população mundial vivia em cidades (UNICEF, 2012).

O meio ambiente natural onde antes era o local que a vida acontecia nas mais diversificadas manifestações, passou a ser um espaço de menor contato ou, em outros casos, estranhos a vivência humana para a maior parcela do globo terrestre. Para os habitantes do meio urbano o caminhar na natureza deixa a qualidade de rotina cotidiana e passa, então, a assumir outras características, dentre elas a do lazer.

A ocupação do espaço-tempo da vida ao contemplar majoritariamente o urbano como lugar comum, faz com que suas manifestações se deem nesse contexto, a cidade torna-se então o lugar onde as vivências do lazer acontecem em sua maioria sob essas novas perspectivas (Marcellino; Barbosa; Mariano, 2006).

Ao olharmos para a Baixada Fluminense observamos que a paisagem fora se modificando ao longo do tempo e assumindo nuance de urbanização durante o seu processo de desenvolvimento.

Com o início da segunda guerra mundial, em 1939, o maior produto de exportação da região entra em queda, o que irá gerar significativas modificações na região.

A laranja, além de atribuir nesse período o carismático apelido de cidade perfume a Nova Iguaçu, se constituía também, num potente referencial econômico.

Tendo como base sua elevação a Vila de Iguassu, em 15 de janeiro de 1833, a capital da Baixada Fluminense abrangia os atuais municípios de Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti e Belford Roxo (Simões, 2004).

Deste modo, ao nos referirmos a Nova Iguaçu desse período, estamos falando na maior fração territorial da Baixada Fluminense. Das significativas modificações que aconteceram a partir da década de 1940, é relevante citarmos os processos de emancipação

das cidades de Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti e Belford Roxo; a eletrificação da estrada de ferro juntamente com a adoção da tarifa única que favoreceram a residência em Nova Iguaçu e o trabalho na cidade do Rio de Janeiro (Simões, 2004).

A construção da rodovia Presidente Dutra, em 1951, acelera o processo de urbanização; e mais recente, em 1998, a inauguração da RJ-081, conhecida como Via Light se somam ao processo (Simões, 2004).

Esses fatores contribuíram para o aumento exponencial dos loteamentos das fazendas em pequenas chácaras e a transformação da paisagem da Baixada Fluminense ao longo das décadas. No caso da cidade de Nova Iguaçu a urbanização se deu no entorno da estação férrea gerando uma expectativa de valorização do preço da terra.

Esta expectativa de valorização fez com que diversos terrenos ficassem vazios aguardando venda a partir de uma boa oportunidade, a cidade torna-se então uma grande área com infraestrutura e os equipamentos de uso público subutilizados, inviabilizando os investimentos básicos como água e esgoto, nas regiões onde moravam os trabalhadores das classes econômicas mais desfavorecidas (Simões, 2004).

Com a infraestrutura e os equipamentos de uso público subutilizados nos arredores da estação de trem, os bairros mais periféricos ficaram desassistidos das estruturas básicas para a vida urbana, e foram também, fatalmente, negligenciados os aparelhos de lazer.

Essa distinção e negligência de investimentos a determinadas regiões estão diretamente relacionadas a uma segregação espacial, e a respeito desse ponto ficamos com a colocação do contrerrâneo Ricardo Simões (2020) que coloca:

Os mais pobres, menos instruídos e com ocupações manuais e de baixa qualificação vivem em lugares com piores índices de acesso a bens e serviços, sejam quais forem e a recíproca é verdadeira, os mais ricos, mais instruídos e que trabalham em profissões com alto padrão de exigência quanto à qualificação, vivem em lugares com melhores índices de acesso a bens e serviços, salvo raríssimas, temporárias e estranhas exceções. (Simões, 2020, p.148).

A evidente segregação espacial dificulta ou mesmo negligencia o acesso a bens e serviços públicos, contudo não podemos nos esquecer que o lazer é um direito humano básico previsto na Constituição Federal e na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no primeiro no artigo 6º, como um direito social ao lado da saúde, alimentação, trabalho, moradia entre outros; e no segundo no artigo 24 ao lado do trabalho e férias remuneradas (BRASIL, 1988) (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948).

Em ambos os casos observamos no lazer sua necessidade para a vida humana também dentro dos aspectos legais, haja vista a importância dos documentos os quais estão inseridos no âmbito político e jurídico.

Da mesma forma, destacamos a relevância do lazer no nível e diretamente associado ao trabalho, logo a segregação espacial que dificulta ou negligencia o lazer deve ser vista como uma expropriação de um direito humano e constitucional. Como se esses fatores já não fossem suficientes, a forma com a qual a região é retratada pelos veículos de comunicação vai impactar a lente sob a qual as pessoas vão observar a Baixada Fluminense.

A segregação espacial também ocorre pelas vias da comunicação quando suas demandas são invisibilizadas e somente os acontecimentos de violência ganham destaque, Ana Lucia Enne (2004) coloca que nos jornais de grande circulação do início da década de 80 a Baixada Fluminense:

ocupará papel de destaque, não só pelas ocorrências reais de casos de violência, como pela criação de um imaginário acerca da região onde somente esse ângulo deveria ser destacado. Aspectos ligados à vida urbana (como saneamento,

condições de habitação, saúde, educação, trânsito, entre outros) praticamente não eram explorados (Enne, 2004, p. 3).

A autora coloca ainda que no início da década de 1990 e, especialmente, início de 2000, a Baixada Fluminense passa a ter outro olhar nos jornais fruto da “efervescência cultural e social do fim dos anos 80 se consolidou no início da década de 90, quando começou a ser projetada uma imagem mais positiva via imprensa acerca da BF”. Como marco desse período a autora destaca a criação de dois grandes jornais de circulação regional que vão impactar na construção da autoestima com publicações das qualidades da região. Enne acrescenta, ainda, que a construção da Linha Vermelha, em 1992, colaborou com essa mudança de imagem por “diminuir a distância geográfica e, conseqüentemente, a distância social entre os moradores dos municípios da BF e os da cidade do Rio de Janeiro” (Enne, 2004, p. 12-13).

METODOLOGIA

A partir do contexto de olhares sobre a Baixada Fluminense iremos abordar neste artigo a trajetória de um grupo de trilhas, denominado Na RotAventura que utilizou o território como proposta de lazer em meio à natureza e contribuiu para a popularização da atividade na região entre 2006 e 2018.

Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo que visa colaborar com o campo acadêmico por meio de relato de experiência de um grupo de trilhas da Baixada Fluminense, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

A investigação percorreu a busca documental de matérias de jornais impressos e virtuais, revistas, televisão, internet onde figurassem o nome do grupo ou de seus integrantes bem como as memórias suscitadas por este autor e seu acervo pessoal de fotos.

De acordo com Goldenberg (2004) a pesquisa acadêmica estabelece relações com a subjetividade do autor sendo ainda maior nas do tipo qualitativo, devido ao fato de não haver neutralidade nas pesquisas. Para evitar interferências nos resultados e possibilitar sua viabilidade é necessário o pesquisador enfrentar essas nuances, deixando-as explícitas.

Nesse sentido é importante sinalizarmos para o leitor como elementos de controle da pesquisa que este autor é o idealizador do grupo Na RotAventura onde, em 2006, compartilha e convida um colega de graduação em educação física, ambos na complementação da licenciatura para o bacharelado, e, logo em seguida, seu próprio irmão. Na ocasião o autor trabalhava no exército brasileiro há cinco anos como paraquedista militar e já contava com o conhecimento advindo de cursos internos em montanhismo e primeiros socorros.

O nome do grupo (Na RotAventura) surge pela junção do nome aventura com o brado (Na Rota) que antecede o comando de salto, informando aos saltadores que a aeronave já está prestes ao lançamento.

AVENTURA, EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E LAZER

Aventura

A relação entre o ser humano e a natureza podem se apresentar de diversas formas e intensidades e, seja qual for o caso, o ambiente natural é o elemento provocador da condição de cidadão, afastando o indivíduo das comodidades e facilidades tão presentes no ambiente urbano, e o aproximando das intempéries e da indomesticável natureza onde, por mais que se busque planejar e mitigar os riscos em cada um dos ambientes naturais, não é possível exercer total controle sobre eles, pois, a natureza é soberana.

A insubmissão da natureza aos domínios do ser humano, o distanciamento das comodidades urbanas, aliados a toda sorte de inesperados que se pode encontrar, o ambiente natural guarda consigo a possibilidade de materializar a ruptura do modo de vida domesticado ao se tornar o palco das mais diversas vivências de lazer e agregador do elemento diferencial da aventura.

Os autores Pereira *et al.* (2010) ao abordarem sobre sua classificação dividem “os Esportes Radicais em dois tipos distintos: Esportes de Ação e Esportes de Aventura. Essa distinção faz-se necessária pelas peculiaridades de cada tipo de Esporte Radical”. O primeiro está associado a capacidade de realização de um movimento aliado as questões relacionadas a linguagem, vestimenta e comportamento que unem esses grupos em “tribos”. O segundo está associado ao sentido do desconhecido mais marcantes nas modalidades na natureza por conta de sua imprevisibilidade (Pereira *et al.* 2010, p. 28).

É sob este prisma que nos valemos do termo aventura para este artigo, e embora os autores supracitados apontem para os desafios e riscos de uma conceituação dos termos naquele momento, esta proposição se adequa não só a este estudo como também a posição dos membros do grupo Na RotAventura à época da realização de suas atividades.

Educação Não Formal

A educação como um processo que decorre ao longo da vida nos mais variados espaços de socialização, não pode ser restrita simplesmente ao âmbito escolar. Embora a escola possua sua especificidade, Sposito (2004) aponta a necessidade de uma análise ampliada sobre os processos de formação das novas gerações a partir dos fenômenos que envolvem os aspectos de socialização, nesse bojo a escola deixaria a centralidade cultural e passaria a compor mais uma cultura dentre outras Sposito (2004, p. 212).

A partir da perspectiva que a educação ultrapassa a noção de escolarização, dialogamos com autores que a abordam num tríplice viés, a educação formal, educação informal e a educação não formal (Libâneo, 2010; Trilla, 2008; Gohn, 2020; 2010). Embora estes autores apresentem suas peculiaridades a respeito da educação não formal, eles possuem pontos de contato os quais nos valeremos neste artigo.

Sinteticamente a educação formal é aquela estruturada dentro dos aparatos legais, organizada e dividida cartesianamente onde há uma previsibilidade de objetivos a serem alcançados e fornecedoras de uma certificação após seu processo de conclusão.

A educação informal está circunscrita dentro do âmbito da socialização onde, mesmo havendo alguma intencionalidade, ela ocorre de maneira difusa e pontual não havendo a possibilidade de previsibilidade de resultado fruto de um processo.

Chegamos ao ponto de maior interesse nessa discussão, a educação não formal. Para nossos autores o local onde ocorrem os processos não é o classificador dentro desse tríplice viés. A educação não formal pode ocorrer dentro ou fora dos espaços formais (escola/faculdade) e possui intencionalidade no processo dos objetivos a serem alcançados (Libâneo, 2010; Trilla, 2008; Gohn, 2020; 2010).

Libâneo (2010) aponta que a intencionalidade da educação não formal está na presença do seu caráter pedagógico de baixo grau de estruturação e sistematização. Para Trilla (2008) a intencionalidade se relaciona com a visão que se tem da educação formal, porém em assimetria desta para com a educação formal, e converge com Libâneo (2010) a respeito dos aspectos pedagógicos.

Já para Gohn (2020; 2010) a intencionalidade está presente no caráter de formação do cidadão crítico, ciente de seu papel e participação na sociedade e nos espaços que se relaciona.

Ela coloca que a educação não formal precisa fundamentalmente estar articulada para “a formação de cidadãos(as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de

direitos, assim como deveres para com o(s) outro(s).”, entendendo a educação não formal como capaz de ser geradora de uma nova cultura política, onde trata cultura política como *modus vivendis* (Gonh, 2010, p. 33; 2020).

Lazer

O lazer apresentado no início desse texto como um direito social, e é importante essa afirmativa, precisa ser tratado para além dos aspectos legais. Tal qual expomos a segregação espacial na Baixada Fluminense, podemos fazer um comparativo do lazer com uma segregação legal desse direito. Não basta somente a garantia do direito nos termos na lei, é necessário haver as condições de sua efetivação.

Marcelino (2012) nos apresenta que “as barreiras para o lazer” abrangem pontos como gênero, idade e classe social, afirmando o fator econômico como determinante. Esta posição vai ao encontro de Gomes (2008) ao colocar que a lazer não poder ser tratado como um “privilegio de classe”, a autora pauta o lazer como:

uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um determinado espaço/tempo conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres, e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (Gomes 2008, p. 125)

A alusão feita da segregação legal do lazer se insere no contexto do fator econômico, uma vez que a segregação espacial concentra os investimentos nas áreas de maior aglomeração das classes econômicas mais abastadas, isso reverbera também no lazer, pois, nas análises de Simões (2020) “as discrepâncias encontradas na cidade do Rio de Janeiro se repetem nos demais municípios, gerando uma segregação dentro da segregação” (Simões, 2020, p. 153).

No caso de Nova Iguaçu esta afirmativa pode ser verificada ao sobrepormos os dados fornecidos pelo Mapa da Desigualdade Região Metropolitana do Rio de Janeiro (2020), no qual os itens relativos à habitação, renda e cultura convergem para os arredores da estação de trem que é o centro econômico da cidade (Braga et al., 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo Na RotAventura: início e atuação

O início da década de 2000 trazia consigo um acúmulo social dos chamados esportes radicais e apresentava uma perspectiva de crescimento gerando interesses na procura dessas modalidades por seus adeptos, interessados em experiências pontuais e para atuação profissional, no campo das práticas e na produção de conhecimentos.

É nessa atmosfera que dois jovens estudantes de educação física observam, em 2006, possibilidade de atuação profissional, pois os esportes radicais como forma de movimento “ganham expressão nas últimas duas décadas e vem se firmando objeto de desejo de crianças e jovens, reforçando cada vez mais seu caráter cultural e social” (Pereira *et al.* 2010, p. 22).

Com a demanda de uma das disciplinas acadêmicas, os estudantes utilizam sua visita ao Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu (PNMNI) para elaborarem um projeto de atuação profissional e, após apresentarem a ideia e o local para seus colegas de turma, passam a organizar trilhas no PNMNI sob o nome de “Trilhas Ecológicas”.

Com a dupla surge, então, o grupo Na RotAventura e logo depois o irmão de um dos integrantes se soma a equipe. As atividades começaram sendo realizadas e divulgadas entre os colegas da faculdade e os círculos sociais mais próximos e, com o tempo, se ampliaram e

passaram a utilizar cartazes pela região, e-mails e pela rede social da época (Orkut). As trilhas no PNMNI ganharam visibilidade e mais participantes, o atrativo da aventura passou a contar com a prática do rapel, em eventos específicos para esta finalidade.

De modo geral as atividades eram organizadas em três momentos: divulgação das trilhas, a realização da trilha e divulgação dos registros pós-eventos, particularmente as trilhas, devido sua amplitude de público e frequência. A proposta consistia em apresentar e enaltecer a Baixada Fluminense, a partir de Nova Iguaçu, e retirar eventuais dúvidas sobre assuntos como educação ambiental, história local e as práticas de atividades na natureza.

As informações sobre a história local é uma característica marcante e presente desde as primeiras atividades, convidando os participantes a refletirem sobre situações que os envolviam e qual o papel de cada um naquele contexto, relacionando aquelas questões com o âmbito global. Cabe pontuar a orientação a respeito da conduta com o próprio resíduo levado para o ambiente natural e o estímulo ao recolhimento de lixo encontrado no caminho como parte de uma conduta de mínimo impacto.

Nesse momento o grupo Na RotAventura cumpria um papel essencial, sob a lente da educação não formal, ao colaborar para o processo formativo dos participantes. Hoje analisando o passado, observando as circunstâncias, é possível tratar os fatos com um olhar crítico e amadurecido a respeito do que se foi, muito diferente de buscar alguma interpretação das situações vivenciando a história em curso. As situações que antes se encontravam como um sentimento e uma visão turva, hoje recebem um nome, dialogam com conceitos e posicionamentos políticos cidadãos.

Sob esse prisma podemos detalhar que os processos educativos ali realizados cumpriam alguns papéis de grande relevância para os pequenos grupos envolvidos, colaborando com a imagem positiva da região, o sentimento de pertencimento, a popularização e democratização das trilhas na Baixada Fluminense por meio de uma prática de lazer de baixíssimo custo. A condição de jovens estudantes universitários e a perspectiva de terem este nicho como atuação profissional, fez com que eventualmente o grupo cobrasse algum valor para suprimento de seus custos, particularmente para reposição dos materiais utilizados para o rapel.

No entanto esse aspecto comercial não se tornou o ponto principal, haja vista que das inúmeras atividades realizadas, raríssimo foram os eventos que ocorreram alguma cobrança. O interesse em difusão das belezas naturais da região e a oportunidade de construir notoriedade profissional fez com que o aspecto mercadológico fosse relegado a outro nível de prioridade. O interesse e a oportunidade logo amadureceram e se consolidaram no ideal de despertar o sentimento de pertencimento da região, apresentando a Baixada Fluminense pela lente de suas qualidades e potencialidades, por meio das trilhas e rapel.

Ao mesmo tempo afirmam e democratizam o direito ao lazer quando efetivamente tornam os eventos de trilha gratuitos, e intencionalmente no último domingo do mês com a finalidade de promover uma atividade de baixíssimo custo onde muitos já esgotaram seus salários.

Sem a necessidade de equipamento ou acessório de alto custo, com a entrada no PNMNI e o evento gratuitos, orientação para lanche com alimentos do cotidiano residencial e estímulo a carona, os custos para a atividade se resumiam ao deslocamento até o ponto de encontro. É importante dizer sobre a carona, pois, raríssimos possuíam algum meio de transporte automotivo.

Parte do grupo Na RotAventura tinha a real percepção da realidade do território, das demandas que cortam a realidade da vida sob o sol da Baixada Fluminense e daquilo que se estava propondo, o de oportunizar um lazer gratuito e romper com a estigmatização de acesso a determinados tipos de lazer, neste caso as trilhas.

Na mesma época percebemos o surgimento de outros grupos com a oferta de aventuras tendo por base a realização de trilhas, mas, no entanto, observa-se nesses grupos o foco estritamente mercadológico e não necessariamente o comprometimento com um processo educacional que viabilizasse o bem coletivo, pelo contrário, as atividades eram realizadas mediante o patrocínio do comércio local e/ou como uma oferta de serviço.

Este cenário encontra eco nas análises feitas por Enne (2004) ao sinalizar que na mudança de lentes das reportagens das décadas de 90 e 2000, conta com o protagonismo desempenhado pela participação de alguns atores sociais e pelos políticos locais na implementação de “um novo projeto político” (Enne, 2004, p. 14).

Nos desdobramentos desse cenário verifica-se parte desses novos atores sociais ligados as atividades de aventura migrando para a esfera comercial e/ou para o campo político eleitoral, sejam como candidatos, sejam como apoiadores.

O escoar da areia na ampulheta revelou a definição dos posicionamentos adotados por cada ator social, de modo geral, se voltando para o espectro político eleitoral, comercial e/ou mesmo o abandonando suas das atividades de origem que os levaram a este nicho.

Marcando posição, de pés descalços no chão da Baixada Fluminense, orientados pelo prisma de uma educação não formal comprometida com formação de cidadãos consciente de seu ser e estar no mundo, destacamos que estes casos estão distantes do compromisso com o bem coletivo de formação crítica do cidadão e, talvez, estejam na tentativa de se encaixar na esteira das oportunidades mercadológicas e/ou de interesses individuais.

Recorremos ao professor Paulo Freire onde, no processo de construção da autonomia do ser é necessário criticidade, ética e a “corporeificação das palavras pelo exemplo”, e ousamos destacar o compromisso com a coletividade (Freire, 2005, p. 29-34).

Mudando a rota

As atividades de trilha passaram a incorporar em seu roteiro, além do rapel, a trilha para a rampa de voo livre na face norte do PNMNI, também conhecido como Serra do Vulcão.

Nos levantamentos feitos durante a pesquisa documental em revistas, matérias de jornais virtuais e impressos, internet, televisão onde figuravam o nome do grupo Na RotAventura ou um de seus integrantes, identificamos diversas matérias conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1 – Mídias referentes aos eventos.

Título	Veiculação	Local de Publicação	Data	Referência ²⁷
Natureza do virtual para o real	Impresso	Jornal O Globo - Baixada	Jun./2006	1
Esportes Verdes	Impresso	Revista Baixada Verde	Jul./2008	2
Radical em terra, ar e água	Impresso	Jornal O Dia-Baixada	Jun./2009	3
Caminhadas e aventuras rurais	Impresso	Jornal O Dia- Baixada	Jan./2011	4

²⁷ 1- RAMOS, 2006; 2 - BAIXADA VERDE, 2008; 3- COSTA & VIEIRA, 2009; 4- LESSA, 2011; 5- JORNAL O DIA, 2011; 6- JORNAL O DIA, 2012; 7- PROGRAMA CÂMERA ESPECIAL, 2012a; 7.1- PROGRAMA CÂMERA ESPECIAL, 2012b; 8 -FERNANDES, 2013a; 8.1 - FERNANDES, 2013b; 9- CONECTA BAIXADA, 2017; 10 – BELANDI, 2017a; 11 – BELANDI, 2017b; 12- BAIXADA FÁCIL, 2018.

Esportes que valem uma aventura	Impresso	Jornal O Dia- Baixada	Fev./ 2011	5
Esportes Radicais, com sombra e água fresca	Impresso	Jornal O Dia- Baixada	Jan./ 2012	6
Programa Câmera Especial	Televisiva	RIT TV -CJC	Mar/ 2012	7
Programa Câmera Especial	Internet ²	RIT TV/Canal CJC (Youtube)-Programa Câmera Especial	Maio/ 2012	7.1 ²⁸
Esportes Radicais de Verão	Impresso	Jornal Extra - Caderno Baixada	Jan./ 2013	8
Parque Municipal de Nova Iguaçu é boa opção para quem quer praticar rapel e slackline.	Internet	Jornal Extra – Baixada Fluminense	Jan./ 2013	8.1
Domingo tem trilha no Parque Natural de Nova Iguaçu	Impresso /Internet ³	Jornal Conecta Baixada	Jan./ 2017	9 ²⁹
Janeiro: Ritmo de férias, calor e muita diversão	Internet	Jornal O Dia	Jan./ 2017	10
Na Rota: Baixada Verde	Internet	Jornal O Dia - O Dia Na Baixada	Set./ 2017	11
Evento convida moradores de Nova Iguaçu a conhecer pontos turísticos a bordo de bicicletas	Internet	BAIXADA FÁCIL	Mar/ 2018	12

Fonte: Autoria própria.

Os caminhos da pesquisa sinalizaram que o grupo Na RotAventura atuou sob esse nome até aproximadamente 2014, quando não mais constatamos qualquer referência ao nome do grupo. Desse período em diante observamos a atuação solo de um dos integrantes e as atividades tinham como referência somente o nome do organizador.

O recorte temporal teve como balizas o ano de 2006 como o início da formação do grupo com sua primeira atividade e denominação de Na RotAventura e encerrou-se em 2018, por considerarmos essa data como a consolidação de um novo nome, Educação Em Movimento.

O trabalho apresentado por Feitosa & Silva (2023) registram uma trilha e um passeio ciclístico realizados, respectivamente, em maio e dezembro de 2017 sob o nome de Coletivo Educação Em Movimento, entretanto na divulgação de um vídeo amador da trilha postado em 2017 não está explícito este novo nome, e o vídeo do passeio ciclístico faz menção ao nome Educação Em Movimento por meio de uma marcação de rede social (hastag), mas, no entanto, só foi postado em fevereiro de 2018 (Feitosa, 2017; 2018).

²⁸ Utilizamos como referência a cópia do vídeo original, pelo fato do mesmo não estar mais disponível online.

²⁹ A página da internet com a matéria virtual não está mais disponível.

Consideramos, então, neste trabalho o recorte temporal de 2006 a 2018 por entendermos essa divergência de datas como sendo um possível período de transição dos nomes. Não temos como precisar a data na qual deixa de ser utilizado a denominação Na RotAventura, mas podemos afirmar que desde 2017 não encontramos mais o referido nome nas atividades organizadas por seus membros.

Em março de 2018, surge novamente o novo nome com a grafia projeto Educação Em Movimento na organização de um passeio ciclístico, seguido de Coletivo Educação Em Movimento na organização do projeto Se Essa Rua Fosse Minha-Brincadeiras de Rua, em julho de 2018, e atualmente como uma Organização Não Governamental Instituto Educação Em Movimento (IEM) (Baixada Fácil, 2018; Cruz, 2018; Instituto Educação Em Movimento, 2021).

CONCLUSÃO

Este artigo contribui com o campo de pesquisas referentes a Baixada Fluminense na perspectiva de ampliar os materiais acadêmicos disponíveis, colaborar com a construção da autoimagem e autoestima a respeito da região e com o sentimento de pertencimento. Ao longo dessa trajetória observamos que foram produzidas matérias em variados veículos de comunicação no período compreendido entre 2006 e 2018, que se somam a tantos outros que enaltecem a Baixada Fluminense lançando uma lente sobre ela a partir de suas qualidades e potencialidades.

Ao sobrepormos e analisarmos o período das matérias contidas no quadro 1, com o período citado por Enne (2004) referente a mudança do tipo de reportagens feitas sobre a Baixada Fluminense, observamos uma interseção na temporalidade dessas produções.

Outro destaque são os nomes dos locais de veiculação das matérias do quadro 1, cujo a maioria faz alusão a Baixada Fluminense, isso se torna de grande relevância ao suscitarmos o já mencionado, impacto da autoestima dos moradores da região e consequentemente no sentimento de pertencimento.

A luz das proposições feitas por Gonh (2020; 2010), Libâneo (2010) e Trilla (2008) observamos que a atuação do então grupo Na RotAventura, hoje Instituto Educação Em Movimento, conflui para a perspectiva da educação não formal por seu caráter intencional, preparação e execução das atividades, sendo de grande relevância para a imagem positiva da região e construção do sentimento de pertencimento, colaborando, também, para a formação de um cidadão consciente de seu papel na sociedade.

Diante desse contexto sinalizamos a singela participação do grupo Na RotAventura, bem como de seus integrantes, como uma parte, entre tantas outras atrizes e atores sociais que ao longo da história da Baixada Fluminense dedicaram parte de suas vidas na construção de um lugar melhor com seus saberes e fazeres direcionados ao bem coletivo.

AGRADECIMENTOS

Registramos nossos agradecimentos ao Instituto Educação Em Movimento (IEM) pelo fomento nesta pesquisa, acesso aos dados e apoio técnico.

REFERÊNCIAS

BAIXADA FÁCIL. **Evento convida moradores de Nova Iguaçu a conhecer pontos turísticos a bordo de bicicletas**, Nova Iguaçu, 22 de março de 2018. Disponível em: <<https://baixadafacil.com.br/municipios/evento-convida-moradores-de-nova-iguacu-a-conhecer-pontos-turisticos-a-bordo-de-bicicletas-4468.html>>. Acesso em: 01 abr. 2024.



BAIXADA VERDE. Esportes Verdes. **Baixada Verde**, Nova Iguaçu, n.8, p.13, julho 2008.

BELANDI, C. Janeiro: Ritmo de férias, calor e muita diversão. **Jornal O Dia**, Rio de Janeiro, 13 janeiro de 2017a. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/odiabaixada/2017-01-15/janeiro-ritmo-de-ferias-calor-e-muita-diversao.html>>. Acesso em: 01 abr. 2024.

BELANDI, C. Na Rota: Baixada Verde. **Jornal O Dia-Baixada**, Rio de Janeiro, 8 setembro de 2017b. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/odiabaixada/2017-09-10/nova-rota-baixada-verde.html>>. Acesso em: 01 abr. 2024.

BRAGA, G. et al (org.). **Mapa da Desigualdade**. Região Metropolitana do Rio de Janeiro. 2020. ed. s.l.: Casa Fluminense, 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 30 mar. 2024.

CONECTA BAIXADA. Domingo Tem Trilha no Parque Natural de Nova Iguaçu. **Conecta Baixada**, Mesquita, p. 4 jan. 2017.

COSTA, A.; VIEIRA, A. Radical em terra, ar e água. **Jornal O Dia-Baixada**, Rio de Janeiro, p. 1-3, 7 de junho de 2009.

CRUZ, C. Professor lidera projeto gratuito na Baixada que resgata brincadeiras de rua. **Jornal Extra - Caderno Baixada**, 18 jul. 2018. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/professor-lidera-projeto-gratuito-na-baixada-que-resgata-brincadeiras-de-rua-22897381.html>>. Acesso em: 01 abr. 2024.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Brasília, 1998. Representação da UNESCO no Brasil. Disponível em: <https://unric.org/pt/wp-content/uploads/sites/9/2023/10/PT-UDHR-v2023_web.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2024.

ENNE, A. L. S. Memória, identidade, imprensa em uma perspectiva relacional. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 2, p. 101-116, jul./dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36726>>. Acesso em: 08 abr. 2024.

FEITOSA, L. **Passeio Ciclístico para Tinguá**. Youtube, 01 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rAA0QcH6y-M>>. Acesso em 01 abr. 2024.

FEITOSA, L. **Fazenda São Bernardino Nova Iguaçu**. Youtube, 29 maio 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ajq8qtHQZBY>>. Acesso em 01 abr. 2024.

FEITOSA, L. de A.; SILVA, F. J. F. da. Caminhando e pedalando na construção da autonomia: Práticas Não Formais. In: **Ciência Inteligente: Pesquisas Nacionais em Humanas**. Ebook. Recife (PE) Even3, 2023. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/ebook/ci-humanas-1/633032-caminhando-e-pedalando-na-construcao-da-autonomia--praticas-nao-formais>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

FERNANDES, P. Esportes Radicais de verão. **Jornal Extra-Baixada**. Rio de Janeiro, p.1, 6-8, 5 de janeiro de 2013a.

FERNANDES, P. Esportes Radicais de verão. **Jornal Extra-Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro, 5 jan. 2013b. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/parque-municipal-de-nova-iguacu-boia-opcao-para-quem-quer-praticar-rape-slackline-7189233.html>. Acesso em: 19 jun. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31o ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2005.

GOHN, M. da G. Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, M. da G. Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos(ãs) em tempos do coronavírus. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, p. 9–20, 2020.

GOLDENBERG, M. **A arte do pesquisar**. 8ª ed. São Paulo: Record, 2004.

GOMES, C. L. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Editora UFMG, 2008.

INSTITUTO EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO. **Registro do Estatuto Social**, 01 de novembro de 2021. Nova Iguaçu, RJ: Cartório do 3º Ofício, Livro de registro A50, nº 20, 420, 12 páginas.

JORNAL O DIA. Esportes que valem uma aventura. **Jornal O Dia-Baixada**, Rio de Janeiro, p. 8, 27 de fevereiro de 2011.

JORNAL O DIA. Esportes radicais, com sombra e água fresca. **Jornal O Dia-Baixada**, Rio de Janeiro, p. 1-2, 8 de janeiro de 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12ª ed. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

LESSA, H. Caminhadas e aventuras rurais. **Jornal O Dia-Baixada**, Rio de Janeiro, p. 2-3, 9 de janeiro de 2011.

MARCELLINO, N. C.; BARBOSA, F. S.; MARIANO, S. As cidades e o acesso aos espaços e equipamentos de lazer. **Impulso**, v. 17, p. 55-66, 2006.

MARCELINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.

ONU. **Organização das Nações Unidas. World Cities Report 2022**. Nairobi:ONU, 2022. Disponível em: <https://unhabitat.org/sites/default/files/2022/06/wcr_2022.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2024.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I.; RICARDO, D. P. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Revista Corpoconsciência**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 18–34, 2010. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/3486>>. Acesso em: 27 fev. 2024.

PROGRAMA CÂMERA ESPECIAL, São Paulo: **Rede Internacional de Televisão-CJC**, ?? de maio de 2012a. Programa de TV.

PROGRAMA CÂMERA ESPECIAL. **Rede Internacional de Televisão**. Rio de Janeiro, 30 de março de 2012b. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eWvDgbhBqlw&t=23s>. Acesso em: 19 jun. 2023.

RAMOS, T. Natureza do virtual para o real. **Jornal O Globo-Baixada**. Rio de Janeiro, n.º 824, p. 23, 25 junho de 2006.

SIMÕES, M. R. Geografia de Nova Iguaçu. In: **Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política**. São João de Meriti, Rio de Janeiro: IPAHB, 2004. p. 148–155.

SIMÕES, M. R.. **Uso do tempo livre e distribuição espacial dos equipamentos e manifestações culturais na metrópole carioca**. In: ROCHA, André dos Santos. **Baixada Fluminense: estudos contemporâneos e (re)descobertas histórico-geográficas**. Duque de Caxias: ASANIH. 2020. p. 148-156. Disponível em: <[http://amigosinstitutohistoricodc.com.br/Baixada Fluminense 2020 FINAL.pdf](http://amigosinstitutohistoricodc.com.br/Baixada_Fluminense_2020_FINAL.pdf)>. Acessado em: 5 abr. 2024.

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico. In: 146 **REVISTA USP**, São Paulo, n.º 57, p. 210-226, março/maio 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/i/2002.v28n1/>. Acessado em: 31 mar. 2024.

TRILLA, J.; GHANEM, E.; ARANTES, V. A. Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos. São Paulo, SP: Summus, 2008.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Crianças em um mundo urbano**. New York: Unicef, 2012. Disponível em: <<https://www.unicef.pt/media/1521/31-situacao-mundial-da-infancia-2012.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2024.